



A LITERATURA DE FRONTEIRA E SUAS PARTICULARIDADES LOCAIS: uma visada para a margem¹

Zélia R. Nolasco dos S. Freire²

1. INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto de um projeto que desenvolvo na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), cadastrado junto à Propp, que se intitula “Manifestações Literárias no Estado de Mato Grosso do Sul”, projeto esse que tem como objetivo, a inserção da literatura e da cultura regionais na sociedade e na comunidade acadêmica de Dourados. Este projeto justifica-se principalmente em razão de atender o Parecer 235/2006 do Conselho Estadual de Educação do MS, aprovado em 10/10/2006 que dispõe sobre a inserção da literatura e cultura regionais nos parâmetros curriculares do Estado.

Assim, busca-se orientar os acadêmicos de Letras, bem como os professores das escolas da Rede Estadual e Municipal de Ensino da cidade-polo de Dourados quanto à inserção de conteúdos-programáticos que expressam a literatura e cultura regionais, vinculando-os aos demais conteúdos previstos com uma prática educacional orientada. Considera-se, sobretudo o fato de a literatura sul-mato-grossense encontrar-se em fase de notável pujança e visibilidade, mas ainda

1

² Zélia R. Nolasco dos S. Freire é Professora dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Letras – Mestrados acadêmico e profissional - da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). É Mestre em Teoria da Literatura e Literatura Comparada e Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/ Assis).

carente de organização e orientação de suas tendências criativas. Isso propiciará o acesso, o incentivo e conseqüentemente, a valorização das manifestações literárias no MS.

Essa proposta visa orientar aos alunos e os professores de literatura em projetos e atividades de ensino, principalmente, os das disciplinas de literatura brasileira e língua portuguesa, que trabalham com textos literários e carecem de material de apoio e subsídio para ministrar os conteúdos relacionados à literatura regional. Um dos principais pontos de discussão acerca da literatura e da cultura, hoje, diz respeito à relação centro-versus-periferia. A teoria contemporânea alerta para o papel fundamental que o “local e o marginal” ganham na abordagem do estatuto do elemento artístico-cultural. Os estudos de área convocam para a reflexão sobre a subalternidade, o periférico, o que se colocou às margens do “cogito” moderno. Daí que os estudos acerca de regiões culturais e/ou microrregiões conduzem ao mapeamento da constituição do elemento regional, cujo aporte emerge com a noção cultural de “transculturação narrativa” (Rama, 2001). Dessa perspectiva sublinha-se a necessidade de verificação da representação e legitimidade das narrativas brasileiras contemporâneas, frequentemente afastadas para as margens ou como “vozes nas sombras” (Dalcastagnè, 2008).

150

Observa-se que, assim como a noção de nação fora formatada como uma “comunidade imaginada”, a noção de região também passa por verificação no seu processo de constituição e de acentuação de peculiaridades locais; o estudo dos regionalismos sublinha as particularidades locais ao mesmo tempo em que mostra as várias maneiras possíveis de ser brasileiro (Carvalho, 2003). Walter Mignolo, teórico do pós-colonialismo na América Latina, em “Histórias locais/Projetos globais” (2003), chama a atenção para a necessidade de “remapear a nova ordem mundial [que] implica remapear as culturas do conhecimento acadêmico e os “loci” acadêmico de enunciação em função dos quais se mapeou o mundo” (MIGNOLO, 2003, p.418). Ainda segundo este teórico, deve-se lembrar de que o foco visa também a denunciar a colonialidade do poder e do saber. “(...) a literatura e as teorias pós-coloniais estão construindo um novo conceito de razão como “loci” diferenciais de enunciação. O que significa “diferencial”? Diferencial significa aqui um deslocamento do conceito e da prática das noções de conhecimento, ciência, teoria e compreensão articulada no decorrer do período moderno” (MIGNOLO, 2003, p.17).

2. AS PRODUÇÕES REGIONAIS: em busca de um discurso próprio

Neste sentido, este projeto volta-se para uma das premissas básicas do ensino e pesquisa de natureza comparatista na atualidade. Ou seja, a vetorização do gesto de olhar em prospecção, em efeitos “zoom”, voltados para os elementos e linguagens formadores de um discurso próprio. Sendo frequentemente refratado pelo olhar generalizante, de forte fixação no que é alheio e distante do sujeito que reflete, como se esquecido do próprio “lócus” e desatento aos “loci” de enunciação. Sublinha-se, assim, uma perspectiva teórico-crítica, cuja proposta visa refletir acerca das produções regionais enquanto narrativas que são tessituras do local, a partir das quais os autores/escritores formularam diversas abordagens de um entorno comum. Aí, onde as obras e produções simbólicas fornecem motivos e razões metodológicas para a real justificação de um “ensino de arte e cultura” em nossas escolas.

Principalmente, que aborde, de fato, o universo dessas produções e ainda o formidável papel de identificação do local como resultante da experiência dos indivíduos que se tornam atores, mediadores e articuladores de / em uma “práxis” da cotidianidade.

Através da literatura é possível conhecer e, até mesmo, compreender melhor este chão, pois inúmeros artistas dedicam-se a representar, a escrever, a pintar, a cantar e a esculpir objetos que simbolizam a exuberante natureza, o índio, o pantanal, o tereré, entre tantos outros. Digo isso, pois a literatura é ao mesmo tempo, a pintura, o teatro, o cinema, as artes plásticas e as manifestações artísticas em todas as suas formas de expressão. E, aqui, o boi também tem um lugar de destaque o que demonstra a multiplicidade cultural e econômica sul-mato-grossense. Sendo assim, ele não poderia ficar de fora do fazer literário, aliás, está bem presente. Esse é o caso da pintura de Humberto Espíndola, pois tem o boi como motivo número um de suas representações e também, motivo inspirador para a poesia de Orlando Antunes Batista, principalmente, em seu poema “Noturno do boi” que é estudado por Raquel Naveira em *Bovinocultura e literatura*. Aliás, sobre esse tema também aborda Marcos Antônio Bessa-Oliveira em seu ensaio intitulado: “Três décadas de arte em Mato Grosso do Sul: balanços e desafios futuros”, no qual se constata que os produtos artístico-culturais locais “cantam” a si próprios. Conforme Bessa-Oliveira: “Chifres, couros, iconografias,

marcas a ferro quente estão sempre rondando as esculturas, gravuras, pinturas realizadas por artistas nascidos e radicados no estado, sejam como ilustração, sejam como suporte de aplicação”.

Sabemos que a arte e, principalmente, a literatura sul-mato-grossense nada deixa a desejar, pois tenho acompanhado os projetos de pesquisa na área de literatura e observo que nas universidades do Estado e fora dele, nossos escritores constituem objetos de pesquisas na Graduação e na Pós-Graduação Lato Sensu e Stricto Sensu, algumas concluídas; outras, não. Através da leitura dos autores de MS verifica-se que por mais diferentes que sejam entre si, através de suas obras permanece uma matriz característica que representa o Estado de MS, o que evidencia o aspecto híbrido que constitui a identidade e a cultura sul-mato-grossense. Uma vez que nessa região fronteira do oeste sul-mato-grossense estão presentes as várias colônias que contribuem para esse caráter híbrido de nossa cultura. Temos as colônias: paraguaia, nordestina, gaúcha entre outras, e cada qual marca de modo específico. Da colônia paraguaia convivemos com a polca paraguaia, a sopa paraguaia, a chipa, o tereré, o tôro candil, etc. Da colônia nordestina convivemos com a carne de sol, o forró, a buchada de bode, entre outras; da colônia gaúcha convivemos com o chimarrão, o churrasco, o sotaque para lá de marcante do “leite quente”.

152

Diante disso, é inegável que as influências geográficas, econômicas e folclóricas dos imigrantes que aqui estão fazem-se sentir em nossas manifestações artísticas, principalmente, na literatura, na música, e, em muito, tem contribuído para ressaltar a “cor local” do nosso Estado. Aliás, você saberia dizer qual é a “cor local” do MS? O que o distingue de outros Estados? O que o faz diferente? Com certeza, é importante responder a essas perguntas, caso contrário, você: sul-mato-grossense, enfrentará uma séria crise de identidade.

Como já dito, crise essa que não é recente, pois teve sua origem com a divisão do Estado. Porém se bem avaliada tivemos, a meu ver, um aspecto positivo e outro negativo. O primeiro, o positivo ocorreu em relação à necessidade da divisão territorial, em função mesmo de sua extensão. E, o segundo, o negativo, refere-se ao fato de que o processo não se deu da forma esperada. Ambos teriam que ter ficado nominalmente, um do Norte e o outro do Sul. Aí teríamos o Mato Grosso do Norte e o Mato Grosso do Sul. Mas, da forma como ficou o Mato Grosso leva vantagem até hoje. Na época da divisão, o Mato Grosso (do Norte) ficou com maior extensão territorial devido ao fato de que era pouco

desenvolvido. Mas, isso se inverteu drasticamente. O desenvolvimento do Mato Grosso (do Norte) tem sido acelerado de modo visível e o desenvolvimento já é uma realidade. Basta vermos que no período da divisão eles tinham menos de 40 Municípios e hoje eles têm 140. Enquanto que o MS tinha mais de 50 e hoje tem 79 Municípios. Vocês não vêem os mato-grossenses preocupados com o nome do Estado. Só os sul-mato-grossenses estão com essa preocupação, alguns querem, inclusive, mudar o nome novamente, agora, para Estado do Pantanal. Sabemos que é uma questão política e, você, não será mais um sul-mato-grossense, será um pantaneiro. Mas, é importante ressaltar que isso ainda não representa uma solução, já que o pantanal está presente nos dois Estados.

Pelo visto, com a criação do Estado de Mato Grosso do Sul no ano de 1977, deu-se início a uma busca desesperada por uma identidade. Ao analisarmos esse movimento, parece-nos que uma decisão que foi tomada pensando na afirmação de um povo, simplesmente, tomou o caminho oposto, passou a negar esse mesmo povo. Ou ainda, e o mais provável é que esse mesmo povo tenha se sentido negado, passando a ser um corpo estranho em sua própria terra.

É como se de repente, a população do Estado tivesse perdido o chão simbólico que já existia e tudo tivesse ficado para o outro, o antigo, o Estado de Mato Grosso, o que permaneceu com a tradição histórica e literária. Aliás, é bem perceptível a reivindicação de reconhecimento do novo Estado do MS. Já que acontece com certa frequência da mídia nacional referir-se erroneamente sobre algumas cidades de MS como se fossem do MT e a cobrança vem em seguida. Quando não, um palestrante refere-se ao nosso Estado como Estado do Mato Grosso, a plateia corrige-o em coro: “do Sul”. O que demonstra a necessidade dos sul-mato-grossenses em terem e serem reconhecidos em sua própria identidade, desvinculada do antigo Mato Grosso. Agora, o novo Estado de Mato Grosso do Sul terá que se criar ou recriar uma identidade para o seu povo? Temos duas possibilidades de análise. Em primeiro lugar, se formos pela concepção de que o Estado é um recém-nascido, realmente, a opção será a de criar uma identidade, uma história e também uma cultura. Em segundo lugar, se a concepção for a de que o Estado apenas foi dividido em partes distintas: Sul e Norte, não há porque criar aquilo que o povo já tem, pois o fato de ter o seu território dividido não quer dizer que tenha deixado de existir, que tenha perdido sua história, sua cultura.

A segunda possibilidade parece-me a mais sensata, não vejo motivos para que os sul-mato-grossenses, os que ficaram com a parte sul do Estado, isto é, o

novo Estado de Mato Grosso do Sul, tenham tamanha crise de identidade. Até porque os aspectos históricos culturais e identitários não se mudam simplesmente por uma decisão política administrativa. Aliás, acredito que essa preocupação e crise de identidade fazem parte do mundo de algumas pessoas, principalmente, daquelas que no momento da divisão do então Estado de Mato Grosso já tinham mais que vinte anos. Faço essa afirmação, pois conforme Melchior de Vogué: “O século começa sempre para os que têm vinte anos” (VOGUÉ, 1950, p.43). De repente, aí está a explicação: as pessoas com mais idade se sentiram desterradas com a divisão do Estado enquanto que esse sentimento não é perceptível entre as pessoas mais jovens, elas não apresentam essa crise de identidade, simplesmente, são sul-mato-grossenses.

O que muito contribui para o fortalecimento, a divulgação da cultura e dos costumes de qualquer sociedade, é a literatura. Aliás, citando aqui o escritor Lima Barreto: “A arte é social para não dizer sociológica”. Logo, aqui nos encontramos diante de uma questão que precisa urgentemente ser analisada: a disciplina de literatura nas escolas da rede pública, mais especificamente no Ensino Médio. Já que apesar do esforço dos profissionais, a referida disciplina vem constantemente perdendo seu lugar e como se isso não bastasse, estão querendo diminuir sua carga horária e quem sabe até extingui-la do currículo. Aí se coloca uma questão para reflexão: como investir na publicação de escritores e na produção de um mercado para os livros aqui produzidos, quando o principal está ameaçado? Desse modo, fica evidente a importância de se criar e cultivar o hábito da leitura e não conheço nenhum lugar, depois do ambiente familiar, mais propício para isso que a escola. Por isso, é imprescindível o estudo sistemático da literatura e que a mesma tenha uma carga horária que possibilite ao aluno o contato com as grandes obras e autores.

Sem dúvida, conhecer os escritores regionais é tarefa importante que contribui para o fortalecimento de uma cultura e o MS tem uma identidade própria e uma literatura representativa. Se por um lado, não temos uma política destinada à cultura, às publicações artísticas; por outro, nosso público leitor e interessado nas manifestações artísticas também é precário, quase inexistente. E, essa realidade, não é diferente do resto do país. Para isso basta vermos os dados assustadores sobre a qualidade da educação no Brasil. Segundo o Pisa 2006, o programa de avaliação de sistemas educativos mais difundidos no mundo, o Brasil está em 54º lugar em Matemática (dentre 57 países) e em 49ª lugar em Leitura (dentre 56 países). Por aí, fazemos uma análise do percentual de leitores em Mato

Grosso do Sul, sem dúvida, o índice é baixíssimo. Observa-se que a resistência à leitura não se limita apenas ao universo dos alunos e estende-se ao dos professores.

Panorama que aos poucos está mudando, pois com a criação do Fundo de Incentivo à Cultura e os programas de valorização dos livros possibilitaram aos autores a seleção e a publicação de suas obras. Ressalta-se que o objetivo do Fundo de Incentivo à Cultura (FIC), segundo a Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul (FCMS), é contemplar a produção cultural sul-mato-grossense em suas mais diversas manifestações. Tem como prioridade a circulação de bens culturais por todas as regiões do Estado, como forma de ampliar o acesso do público e, sobretudo estimular a formação de novas plateias, tomando por referência a Lei nº. 2.726, de 3 de dezembro de 2003, que dispõe sobre as diretrizes da Política Cultural para o Estado de Mato Grosso do Sul. Mas, bem sabemos que: “Uma identidade nunca é dada, recebida ou atingida” (DERRIDA, 1996, p.53). Logo, por mais que a cultura e a literatura sul-mato-grossense sejam estudadas e divulgadas nas escolas, isso não fará com que os estudantes sintam-se mais ou menos sul-mato-grossenses. Se bem que o que está embutido, principalmente, na segunda reivindicação, é a publicação de escritores e a produção de um mercado para os livros aqui produzidos com incentivo do Governo do Estado e, também, a criação de uma disciplina de Literatura Sul-mato-grossense. É importante ficarmos atentos a essa proposta, pois ao criarmos uma disciplina de literatura sul-mato-grossense, abre-se a possibilidade de que seja criada também uma disciplina de literatura paulista, outra de literatura paranaense, outra de literatura gaúcha, e assim sucessivamente, cada estado com sua literatura. Já imaginaram, no caso do MS, se cada imigrante que aqui se encontra, quiser que a sua literatura de origem seja ministrada nas escolas para seus filhos? Será que não estaremos caminhando para um *apartheid* literário? Será que estudar os escritores regionais dentro da disciplina de literatura brasileira não basta?

Adianta-lhe que o leitor poderá até discordar da minha resposta, aliás, é um direito dele. Respondo para informá-lo da minha opinião, mesmo lhe dando o direito de discordar: sim, estudar os escritores regionais dentro da literatura brasileira é de bom tom e eu justifico em função dos motivos apresentados acima. Agora, caso haja necessidade, pode-se ou não dar destaque a alguns escritores. O que é recomendado pelo grande escritor russo Leon Tolstói: “Para ser universal, cante a tua aldeia”. Por isso, é importante enfatizar pessoas que contribuíram para

o desenvolvimento cultural de nosso Estado e de nossa região com sangue, suor e lágrimas. E, como estou a falar de um lugar que é só meu, considero imprescindível o resgate e o conhecimento da história do Município de Dourados, principalmente, por parte dos professores, já que estamos aqui em busca de divulgar a nossa cultura regional sul-mato-grossense. Por isso, enfatizo que algumas informações sobre o local no qual estão inseridos são mais do que necessárias para não dizer, obrigatórias, para quem quer cantar a sua aldeia.

3. AS MANIFESTAÇÕES LITERÁRIAS EM MS: breve histórico

É natural partirmos do singular ou ainda do próprio, nesse caso, daquilo que é meu, parte da minha história; para o plural ou ainda do alheio, nesse caso, daquilo que é do outro. Desse modo, busco ainda fazer um levantamento de como se deu o registro da história, dos costumes, da memória, da cultura, enfim da literatura do Estado de Mato Grosso do Sul. Constatamos que em MS bem como no resto do país, as primeiras manifestações literárias aconteceram em revistas e jornais. Entre os principais destacam-se: *O Progressista*, *O Matogrossense* e a revista *Folha da Serra*, nos anos de 1931 a 1940; o jornal *Correio do Estado*, fundado em 1954, em Campo Grande; *A Gazeta* e *A Tesoura*, de 1915 a 1920; *A Gazeta do Comércio* (1928), em Três Lagoas; *Jandaia*, o primeiro jornal da cidade de Dourados foi editado por volta de 1926 e o jornal *O Progresso*, também em Dourados, a partir de 1951. Referi-me a essas três cidades devido ao fato de que essas informações estão mais acessíveis e não porque as outras cidades não tenham tido seus jornais e revistas, com certeza tiveram, mas isso demanda uma pesquisa mais detalhada.

Dando continuidade, ressalto que o fato de vivermos em uma região de fronteira praticamente força-nos a ficarmos em estado de alerta. Isso em função de que a principal fronteira que é a geográfica, infelizmente não é a única. Em relação à fronteira geográfica é do conhecimento de todos que o nosso Estado se limita com vários Estados da Federação e dois países, Paraguai e Bolívia. A demarcação de nossa fronteira geográfica é resultado de uma guerra sem medidas, alguns historiadores dizem que a Guerra do Paraguai foi brutal e desnecessária. Observa-se que os conflitos permanecem como uma das principais marcas de toda a região de fronteira. Agora, além da fronteira geográfica temos também as fronteiras sociais, culturais e econômicas. Aliás, são tantas as fronteiras que

terminam por se confundirem. Principalmente, no caso das fronteiras econômicas e sociais, pois uma está diretamente associada à outra e pode-se dizer que são fruto desse contexto histórico de fronteira. Basta atentarmos para a existência de grandes propriedades rurais que estão nas mãos de poucas pessoas o que gera toda uma reivindicação por demarcação de terras indígenas e a questão dos assentamentos rurais no Estado. Problemas esses que ainda estão por serem resolvidos.

Não quero destacar os problemas que com certeza não são muitos quando comparados à extensão territorial do Estado, o importante aqui é destacarmos as principais obras e escritores, quer seja romancista, contista ou cronista desde que tenham contribuído para a divulgação e consolidação de uma identidade sul-mato-grossense. Ressalta-se que a seleção aqui feita levou em conta o critério de que essas obras e autores representam uma relação substancial com o Estado de MS. Recorro às palavras do saudoso Prof. José Pereira Lins ao falar sobre o trabalho empreendido na cidade de Dourados, para melhor definir essa relação: “Nós servimos de base, de estaca”, “fizemos aquele trabalho básico”³.

A seguir, vejamos a seleção efetuada nas principais cidades do Estado. Em Três Lagoas, temos Rosário Congro, com as obras: *Torre de Marfim* (1948), *Sombras do Ocaso* (1915), *Antes de Raposo Tavares* (1954), *Colunas Partidas* (1955) e *Outras Ruínas e Caminhos* (1963); Flora Egídio Thomé com as seguintes obras: *Cirros* (1983), *Retratos* (1983), *Cantos e Recantos* (1988), *Haicais* (1999) e *Nas Águas do Tempo* (2002); em Aquidauana, temos o poeta Severino de Toledo, com *Colméia de Afetos*, *Cintilação de Lâmpadas Suspensas*, entre outros; José Pedro Frazão com: *Nas Águas do Aquidauana eu Andei* e *Tuiuiú my brother*, Heliophar Serra (contos e crônicas) com *A Fascinante Natureza Humana* e *Fragmentos do Cotidiano*; em Corumbá temos: Ulisses Serra com a obra *Camalotes e Guavirais* (Crônicas), Lobivar de Matos (poemas): *Aerotorare* (1935) e *Sarobá* (1936), e ainda Augusto César Proença, autor de diversos gêneros: *Snack Bar* (contos – 1979), *Raízes do Pantanal* (novela-1989), *Pantanal, Gente, Tradição e História: ensaio sócio-histórico* (1997) e *Memória Pantaneira* (2003).

³

Revista Arandu, Ano 7, nº.27, FEV/MARC/ABR/2004, p. 09.

Dos escritores acima relacionados, todos possuem um lugar dentro da literatura regional, mas destaco dois deles: Lobivar de Matos e Flora Thomé, por constatar que eles estão de uma maneira ou de outra sendo mais lembrados, estudados e são objetos de pesquisas científicas. Devido ao pouco espaço, faço apenas uma síntese sobre cada um deles com o intuito de incentivar o leitor a conhecê-los. A ordem aqui apresentada é uma escolha minha. Lobivar de Matos, poeta e contista, natural de Corumbá, faleceu aos 32 anos e por ele mesmo caracterizado por “o poeta desconhecido”, autor de dois livros: *Areôtorare* (1935) e *Sarobá* (1936). Em relação ao primeiro, o escritor diz o seguinte: “São na maioria poemas regionais e por isso mesmo muito simples, muito humanos”.

Segundo o crítico Paulo Nolasco, Lobivar de Matos é “um *ethos* errático, à deriva da história oficial e à margem da vida” (NOLASCO, 2008, p.86). Enquanto que a escritora Flora Thomé nasceu em Três Lagoas e ela mesma se autodefine nos seguintes versos: “Uma escola passou pela minha vida/E por vontade pedi carona/Virei giz, quadro-negro e apagador/Virei lição, virei aula”. Confidencia, ainda, que foi pensando na frase: “pinta tua aldeia e encontrarás o universo”, que orientou a pesquisa do seu patrimônio humano de que segundo ela resultou na obra poética *Retratos*. Obra na qual retrata e resgata de forma lírica a vida da cidade de Três Lagoas, com seus tipos populares: benzedeadas, parteiras, professoras, carteiros entre outros. O que de certa forma também resignifica o Estado de Mato Grosso do Sul e o modo de ver, sentir e estar no mundo de uma sul-mato-grossense.

Em Dourados, Weimar Gonçalves Torres teve um importante papel à frente do jornal *O Progresso*, do qual foi fundador; José Pereira Lins com as obras: *Do Livre Arbítrio e da Soberania de Deus* (1993), *Lobivar de Matos, o Poeta Desconhecido* (1994), *O Sol dos Ervais: Exaltação à Obra de Hélio Serejo* (2002), *Sublime Poema e Olhos de Deus* (crônicas - 2004); Paulo S. Nolasco com *Ensaio Farpados* (2004) e *Fronteiras do Local* (2008), para citar somente as obras que tratam do regional; Lori Alice Gressler com *Aspectos Históricos do Povoamento e da Colonização do Estado de Mato Grosso do Sul, O Monstro que Comia Números* (2002) e *As Lições da Natureza* (2002); Emanuel Marinho, poeta, com as obras: *Ópera 3* (1980), *Cantos da Terra* (1982), *Jardim das Violetras* (1983), *Margem de Papel* (1994), *Satírico* (1995) *Caixa de Poemas* (1997); Brígido Ibanhes com as obras: *Silvino Jacques, o último dos Bandoleiros, CheRu* (chiru), *O Pequeno Brasiguai* e *A Morada do Arco-íris*.

Dos escritores douradenses acima relacionados, é importante ressaltar algumas informações sobre alguns deles. Weimar Gonçalves Torres é mais conhecido como grande empreendedor e político que lutou pelo desenvolvimento do Município de Dourados. Fundou o jornal *O Progresso* que tem grande importância para o nosso Estado, mas enquanto escritor sua obra ainda é desconhecida. José Pereira Lins, professor e dono de escola, com grande número de obras publicadas. Deu sua contribuição à literatura do nosso Estado ao escrever e analisar dois escritores regionais. Paulo Nolasco, professor de literatura comparada e crítico literário, fez extensa avaliação crítica sobre o regional sul-mato-grossense. Lori Alice Gressler tem na obra historiográfica sobre o Estado sua maior contribuição para entender o regional. Restaram dois: Emanuel Marinho e Brígido Ibanhes, um poeta e outro romancista. E, aqui, é preciso dizer que suas obras em muito contribuem para a compreensão do regional e do local. Isto é, as singularidades de uma cultura de fronteira, cuja literatura é a expressão da sociedade. Nas palavras de Brígido Ibanhes, fronteira quer dizer: *che retã*, em guarani. Aliás, Brígido define Mato Grosso do Sul como o “Estado das fronteiras”. Fronteiras onde estão presentes não só a interculturalidade como também a multiculturalidade.

Em Campo Grande temos Manoel de Barros, o poeta mais importante do Estado, com inúmeras obras, entre as quais estão: *Concerto a Céu Aberto para Solos de Aves* (1991), *Livro sobre Nada* (1996), *Retrato de Artista Quando Coisa* (1998), *Ensaio Fotográficos* (2000), *Tratado Geral das Grandezas do Ínfimo* (2001), *Memórias Inventadas* (2003) e escreveu para o público infantil: *Poemas Pescados de Uma Fala de João* (2001) e *Cantigas de Um Passarinho à Toa* (2003); Raquel Naveira com: *Guerra entre Irmãos* (1993) *Sobre os Cedros do Senhor* (1994) *Casa de Tecla* (1997) *Stela Maio e Outros Poemas* (2001) e *Tecelã de Tramas* (2005).

Manoel Wenceslau Leite de Barros nasceu em Cuiabá, veio ainda criança para Campo Grande. Na juventude estudou no Rio de Janeiro e antes de fixar-se em Campo Grande teve passagens e vivências no Peru, na Bolívia e também em Nova Iorque onde fez um curso de cinema e pintura no Museu de Arte Moderna. Criou várias obras e ganhou muitos prêmios. Sua obra de estreia, "Poemas concebidos sem pecado" (1937), apesar do tom autobiográfico de poemas como "Cabeludinho", demonstra algumas características modernistas. Entre as quais podemos destacar o uso de vocabulário coloquial-rural e de uma sintaxe que remete diretamente à oralidade, ampliando as possibilidades expressivas e

comunicativas do seu léxico através da formação de palavras novas, isto é, neologismos. Em função disso seu trabalho tem sido muitas vezes comparado ao de Guimarães Rosa. É impossível não fazer alguma referência entre os dois escritores quando em contato com suas obras. Manoel de Barros trabalha a língua escrita de tal modo que reproduz e desenvolve o legado da oralidade em todos os seus níveis, muitos se referem ao poeta como "o Guimarães Rosa da poesia". Com a publicação de "A face imóvel" (1942), sua poesia passa a ter como pano de fundo o pantanal, mas é importante frisar que sua temática vai muito além. O pantanal é o universo onde os poemas ganham vida, ele é representado através de sua natureza e do seu cotidiano, usando uma linguagem que procura transformar em tátil aquilo que é abstrato. Transfigurando aquele universo aparentemente simples, Manoel de Barros mostra, em realidade, o verdadeiro tamanho do homem diante da natureza, bem como diante das coisas. Percebe-se essa relação homem *versus* natureza nos títulos dos seus livros, tais como "Compêndio para uso dos pássaros" (1960), "Gramática expositiva do chão"(1966), "Tratado geral das grandezas do ínfimo"(2001). Entre tantos outros prêmios, Manoel de Barros ganhou o prêmio Jabuti em 1987, com a obra "O Guardador de Águas".

Raquel Naveira nasceu em Campo Grande/MS, formada em Direito e Letras, pertence à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e ao Pen Clube do Brasil. Escreveu vários livros, entre eles: *Via Sacra* (1981) *Fonte Luminosa* (1990) *Nunca-Te-Vi* (1991), *Guerra entre irmãos* (1993), *Abadia* (1995), *Casa de Tecla* (1998), entre outros. Assim como *Guerra entre irmãos*, várias obras da escritora retratam vidas e histórias sul-mato-grossenses.

Escrevendo contos em MS temos José do Couto Vieira Pontes com a obra *Deste Lado do Horizonte*, Abílio Leite de Barros com *Histórias de Muito Antes* (2004), Maria da Glória Sá Rosa com *Contos de Hoje e Sempre Tecendo Versos* (2002), Elpídio Reis com a obra *20 Contos de Reis*. No gênero: crônicas, encontram-se os seguintes escritores: Elpídio Reis com *Ponta Porã, Polca, Churrasco e Chimarrão* (1981), Hélio Serejo com *Balaio de Bugre, Vida do Erval, Lendas da Erva-Mate, Tribos Revoltadas, Homens de Aço* entre outros, Thereza Hilcar com *No Trem da Vida* (2005), Maria da Glória Sá Rosa com *Crônicas de Fim de Século* (2001), Abílio Leite de Barros com *Opinião* (2004).

Já escrevendo romances temos poucos escritores, entre eles: Edgar César Nolasco, crítico literário e comparatista, com *Não tenhas medo da dor* (2002). Até então, nenhum grande romancista se destacou no nosso Estado, aliás, é importante

que se diga que a maioria dos romances que se referem ao Estado do MS, foi escrita por escritores que não são daqui. Entre eles estão: *Inocência e Retirada da Laguna* de Visconde de Taunay, *Selva Trágica* (1959) de Hernani Donato e *A Sempre Viva* de Antonio Calado. Temos também o romance *Cunhataí – Um romance da Guerra do Paraguai* (2003) de Maria Filomena Bouissou Lepecki. Esses romances abordam os conflitos que aqui existiram e permeiam os costumes, enfim, a região é parte constituinte da narrativa. Podemos citar ainda: Antonio Lopes Lins com *Caminhos de Lama* e *O Incesto* (1968), Geraldo Ramon Pereira com *Caroço de Manga*, Maria Batista com *As Estrelas Não Dormem* (1996), Reginaldo Alves de Araújo com *Saga Pantaneira* (1997) e *A Outra Mona Lisa*.

4. SOBRE A HISTÓRIA de MS

Quanto ao registro histórico de nosso Estado, temos vários escritores com obras importantes retratando o Estado do MS em seus vários aspectos: econômico, político, social, religioso. Entre eles: José Barbosa Rodrigues com as seguintes obras: *Isto é Mato Grosso do Sul*, *Histórias da Terra Mato-Grossense* e *Histórias de Campo Grande*; Paulo Coelho Machado escreveu *Pelas Ruas de Campo Grande*; Demóstenes Martins escreveu *A História de Mato Grosso do Sul* (1980); Hildebrando Campestrini escreveu as obras: *A Saga da Divisão* em parceria com João Pereira da Rosa, *Breve Memória da Justiça Sul-mato-grossense* e *História de Mato Grosso do Sul* e *Santana do Livramento* (2002); Sérgio Cruz escreveu *Memorial Divisionista* (1977), *Guerra ao Contrabando* (1984), *Pantanal* (1999), *Estado das Águas* (1999), e *Datas e Fatos Históricos do Sul de Mato Grosso* (2004), Lécio Gomes de Souza escreveu *História de uma Região: Pantanal, Educação e História em Mato Grosso 1717-1864*, Gilberto Luís Alves, *O Papel da Violência no Processo de Formação e Desenvolvimento da Fronteira* e Walmir Batista Correia escreveu *Coronéis e Bandidos em MS*; Lúcia Salsa Correia escreveu: *Corumbá, Um Núcleo de Fronteira de Mato Grosso – 1870-1910*; José Couto Vieira Pontes escreveu *História da Literatura Sul-mato-grossense*, Telma Valle de Loro e Áurea Rita de Ávila Lima Ferreira escreveram *Manifestações Literárias em Dourados* (1985), e ainda José Octávio Guizzo: *A Música em Mato Grosso do Sul*, *Alma do Brasil* e *Esboço Histórico do Cinema em Mato Grosso*.

Maria da Glória Sá Rosa abordou de modo especial a história e a cultura do nosso Estado em duas obras: a primeira, *Memória da Cultura e da Educação em Mato Grosso do Sul* – histórias de vida (1990) e a segunda, *Memória da Arte em Mato Grosso do Sul*, juntamente com Maria Adélia Menegazzo e Idara Duncam. Outra obra de Maria de Sá Rosa, Idara Duncam e Yara Penteado: *Artes Plásticas em Mato Grosso do Sul* (2005), e sua mais recente obra *A literatura sul-mato-grossense na ótica de seus construtores* (2011). Destaca-se também a obra de Aline Figueiredo: *Artes Plásticas no Centro Oeste* (1979).

Pelo levantamento aqui demonstrado, observa-se que a literatura sul-mato-grossense nada deixa a desejar a nenhuma outra. É importante observar que nas Universidades do Estado e até fora dele, vários desses escritores constituem objetos de pesquisas tanto na Graduação quanto na Pós-Graduação *Lato Sensu* e *Stricto Sensu*, algumas concluídas; outras, não. Inclusive, constitui na UFGD, uma linha de pesquisa: “Literatura e Estudos Regionais, Culturais e Interculturais” ou “Literatura, Cultura e Fronteira do Saber”.

5. O CARÁTER HÍBRIDO da cultura sul-mato-grossense

162

Diante desse processo de estudo e análise das obras e autores de MS, sem a pretensão de completude, constatou-se que por mais diferentes que sejam os escritores entre si, através de suas obras permanece uma matriz característica que representa o Estado de MS, evidenciando, assim, o aspecto híbrido que constitui a identidade e a cultura sul-mato-grossense.

Isso porque nessa região fronteiriça do oeste sul-mato-grossense estão presentes as várias colônias que contribuem para esse caráter híbrido da cultura sul-mato-grossense. Temos as colônias paraguaia, nordestina e gaúcha, e cada qual marca de modo específico. Da colônia paraguaia convivemos com a polca paraguaia, a chipa, o puchero, o locro, o tererê, o tôro candil. Da colônia nordestina convivemos com a carne de sol, o forró, entre outras; da colônia gaúcha convivemos com o chimarrão, o churrasco, o sotaque para lá de marcante do “leite quente”. Ao fazermos esse breve levantamento, é inegável que as influências geográficas, econômicas, folclóricas dos imigrantes que aqui aportaram tanto quanto dos países com os quais demarcamos as fronteiras, fazem-se sentir em suas manifestações artísticas, principalmente, a literatura.

Dentre os escritores sul-mato-grossenses é difícil classificar um como sendo o mais próximo das questões que nos representam e que nos dizem respeito. Já que cada um a seu modo retratou a região de fronteira que envolve o nosso Estado do MS. Sem querer relegar os demais a segundo plano, pois sabemos da importância das partes para formar o todo, ressalto aqui a participação do escritor Hélio Serejo e sua obra para a consolidação de uma literatura que se possa denominar de sul-mato-grossense.

6. BEM MAIS MS: o escritor Hélio Serejo

Sua obra constitui importante registro histórico da vida econômica, social e cultural do Estado. Para Serejo, o ser fronteiriço significa mais do que viver nos limiares geográficos; significa “respirar” os “ares” culturais que vem de outros lugares e que convergem na fronteira. Para isso, vejamos quem foi Hélio Serejo. Foi poeta, escritor, proseador, pesquisador, cientista do folclore e jornalista, nasceu em Nioaque, na região fronteira de Mato Grosso do Sul (MS), tem uma produção literária com mais de sessenta livros publicados e como nenhum outro registrou em sua extensa obra suas reflexões sobre a região e mais especificamente sobre a fronteira. Foi membro de diversas instituições e academias, dentre as quais o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, a Academia Mato-Grossense de Letras, no Brasil, e de instituições estrangeiras, como Centro Folclórico Sul-Americano de Bogotá, o *Cultura Crioula* de Paissandu, do Uruguai ou a Sociedade de Pesquisa Folclórica de Lisboa.

A riquíssima obra de Hélio Serejo é objeto que nos proporciona discutir criticamente as produções culturais periféricas, tendo por fundamentação uma visada epistemológica específica dos locais geoistóricos, tanto no tocante aos *loci* das próprias produções, quanto do lócus de onde o intelectual erige seu discurso crítico. Na obra “Contos Crioulos” (1998), é possível encontrar uma representação literária de hibridismo cultural. Obra na qual o crioulisto se faz presente nas mínimas ações do dia a dia das pessoas simples da fronteira e do mundo bruto da erva-mate.

As obras de Hélio Serejo retratam as condições históricas da fronteira Brasil/Paraguai do pós Guerra do Paraguai, o desenvolvimento econômico do sul do Estado e da fronteira, juntamente com uma nova fase do modo capitalista de

produção dessa região (a exploração da erva-mate) com a instalação da Companhia Mate Laranjeira.

Inicialmente, chamamos a atenção para as diversas fronteiras que predominaram e ainda predominam nessa região sul de Mato Grosso do Sul, principalmente, no caso das fronteiras econômicas e sociais, pois uma está diretamente associada à outra e pode-se dizer que são fruto desse contexto histórico de fronteira. Até porque com o fim da Guerra do Paraguai, uma comissão percorre a região ocupada pelos Kaiowá e Guarani, entre o rio Apa, atual Mato Grosso do Sul, e o Salto de Sete Quedas, em Guaíra, Paraná. Terminados os trabalhos de demarcação de fronteira entre Brasil e Paraguai em 1874, Thomas Laranjeira, percebendo a grande quantidade de ervais nativos existentes na região e, também, a abundante mão-de-obra pós-guerra disponível, consegue, através de decreto em 1882, o arrendamento das terras para a exploração da erva mate nativa, porém, sem o direito de impedir a colheita da mesma erva por parte dos moradores locais. No ano de 1892, funda a Companhia Mate Laranjeira.

O escritor Helio Serejo, em sua obra *Carai* (1984), descreve o bom relacionamento entre Thomas Laranjeira e os habitantes da região, reconhecendo que esse teve que se empenhar em duros embates com os índios habitantes da região, os verdadeiros donos da terra. Relatou também variadas formas de pagamento do trabalhador índio. Alguns falam de pagamento em dinheiro, em mil réis, ou em pesos paraguaios, ou ainda mercadorias. Serejo pontua: “raríssimo mesmo - nos ervais, um peão com Haber na caderneta” (SEREJO, 1984, p. 153). Essa estratégia do “adiantamento” nos armazéns da Companhia como forma de “selar o compromisso”, é um “forte mecanismo de forçar a manutenção dos trabalhadores nos ervais”. E esse foi um recurso usado como forma de “prender o trabalhador aos ervais através da dívida foi usado por mais de meio século” (SEREJO, 1984, p.153).

Hélio Serejo escreveu durante a sua vida sessenta obras, reeditadas pelo Instituto Histórico e Geográfico do Mato Grosso do Sul, numa coletânea de dez volumes, contendo folclore, história, biografias, sociologia, crioulistas, credices e outros assuntos que envolvem o ciclo ervateiro no Sul do Mato-Grosso. Retratar os ervais é retratar a história do Mato Grosso do Sul, por isso deve-se ao Hélio Serejo o mérito de ser um dos mais importantes memorialistas do sul do Estado.

Trata-se de um verdadeiro patrimônio cultural sobre a região da fronteira que cobre as terras sobre as quais se travou a Guerra do Paraguai.

Aliás, a história de um povo, de uma região, fica impregnada em sua literatura e a obra de Serejo contribui para o registro dessa história, pois sua obra é um reservatório da história local, composto por arquivos representativos da memória, da formação, da mistura que veio a ser o povo Sul Mato-Grossense. Conforme Frederico Augusto Garcia Fernandes:

O escritor, em obras como *De galpão em galpão*, *Zé Fornalha*, *Mãe Preta*, *Rodeio da saudade*, *Abusões de Mato Grosso e de outras terras*, *Campeiro da minha terra e Lendas da erva mate*, as duas últimas de 1978, perfaz um dos mais completos registros acerca da tradição popular em diferentes regiões. Os seus versos e frases conduzem aos ervais do sul do Estado para os galpões dos peões, nas terras encharcadas do Pantanal (FERNANDES, 2001, p. 97).

Pelo que constatamos, essas obras retratam o convívio do meio rústico com tendência de registro folclórico, inventário de costumes e crenças de um escritor de histórias embasadas em acontecimentos reais e também em tradições populares referentes ao lugar. Desse modo, o pensamento de Aristóteles de que a arte imita a vida, encontra um lugar singular na obra serejeana, já que sua obra literária tende a retratar o homem e todos os outros aspectos inerentes à sua cultura. E, em relação, a nossa região de fronteira são várias as obras literárias que retratam as especificidades locais, se é que podemos classificá-las como tais.

A citação que se segue vem confirmar que podemos sim classificá-las como especificidades ou singularidades locais, e Hélio Serejo assim se descreve:

Eu sou o homem desajeitado e de gestos xucros que veio de longe. Eu sou o homem fronteiriço que na infância atribulada recebeu nas faces sanguíneas os açoites desse vento, vadio e aragano (...). Eu vim dos ervais, meus irmãos, do fogo dos “barbaquás”, do canto triste e gemente dos urus, dos bailados divertidos, dos entreveros dos bolichos das estradas, do mais hirsuto da paulama seca, do pôr do sol campeiro, dos dutos, das encruzilhadas e das distâncias perdidas (...). Eu vim de longe, eu sou um misto de poeira de estrada, de fogo e de queimada, de aboio de vaqueiro, de passrada em sarabanda festiva no romper da madrugada, de lua andeja rendilhando os campos, nas matas, as canhadas, o vargedo. Sou misto, também, de índio vago, cruza-campo e trota mundo (...). Eu vim, em verdade, dos charcos e da poeira revolvente dos tempos, mas com o conforto grandiloquente de ter sido guiado por essa luz marífica que é o farol divino que indica este tormentoso vale de lágrimas, aos bons e aos puros de espírito o caminho certo da vida (...) Fui gemido de carreta manchega no estirão da serra íngreme e, o fui, também, envaidecido tropel de trolilha crioula e índio aragano, trilhador de todos os caminhos. (Hélio Serejo, 1973).

Pelo modo como Hélio Serejo se intitula de “homem fronteiro”; “um misto de poeira de estrada” e “Sou misto, também, de índio vago, cruza-campo e trota mundo”, é possível afirmar que o escritor tem consciência dessa singularidade que o faz escrever de um lugar que está fora, ou melhor, que está à margem do centro e que ainda se encontra na fronteira geográfica entre dois países e também em uma fronteira que lhe impregna seu ser existencial. Observa-se que o escritor deixa transparecer o lócus de enunciação em seu discurso e o faz de modo que os regionalismos e crioulismos caracterizam a região de fronteira da qual o próprio escritor emerge. Uma região marcada étnica e linguisticamente por diferentes culturas, já que se dá o convívio das populações nativas com as provenientes de inúmeras regiões do Brasil e até do Exterior que aqui aportaram durante a colonização e o povoamento do então Estado de Mato Grosso.

Esse fluxo migratório provocou o convívio com hábitos e idiomas das populações indígenas com os advindos de outras partes do País e do mundo, gerando, assim, uma miscigenação cultural e lingüística que se reflete no modo de vida do homem sul-mato-grossense e que se faz representar através da língua e da literatura, principalmente, através de suas práticas culturais. É o que verificamos no trecho em destaque:

No aspecto cultural, houve, nas primeiras décadas desse século, uma intensa mesclagem, com os povos fronteiros de língua guarani. Atingiu a região do sul de Mato Grosso, nessa época, um clímax de intercâmbio e euforia culturais, um tanto aleatórios, porém, deixando manifestações culturais de tal evidência que foram assimiladas pelo homem do sul de Mato Grosso (RIBEIRO, 1986, p.17).

É importante destacar o modo como o escritor se refere a esse momento, enfatizando que ocorreu “uma intensa mesclagem”, “um clímax de intercâmbio e euforia culturais” e ainda retratando um resultado de assimilação dessas manifestações culturais pelo sul-mato-grossense. Cabe aqui reforçar o papel da Companhia Mate Laranjeira no povoamento e desbravamento das áreas fronteiriças, e é o próprio Hélio Serejo quem registra essa percepção: “Sem nenhuma dúvida, que devemos a Mate Laranjeira o desbravamento da região ervateira do extremo sul de Mato Grosso. Ela, com seus Tape-hacienda, Tape-Poí e Tape-Guacu foi a responsável direta pelo povoamento desse mundão perdido, sem trilha alguma de civilização” (Apud REIS, 1981, p.99).

Em relação ao contato e assimilação dos costumes, o escritor observa o seguinte:

Tinha eu treze anos de idade quando, pela primeira vez, pernoitei em uma ranchada ervateira, conhecida por todos como trabalhado da Empresa Mate (...). Em duas semanas, já sabia eu das coisas de uma ranchada: os costumes, credices e os tipos característicos (SEREJO, 1986, p.97-98).

Vê-se que todo o seu registro é fruto de muita observação e do convívio nesse meio e região, já que desde a infância viveu em Ponta Porã, cidade fronteiriça no Sul do Estado de Mato Grosso do Sul. Isso porque o pai exercia a atividade de extração da erva mate, o que possibilitou o contato com a natureza, com o homem do campo e a participação nas atividades de exploração e cultivo da erva-mate. Todo esse contato o fez um profundo conhecedor da região, dos costumes, dos hábitos dos povos fronteiriços, e que inspirou grande parte de suas obras e que fazem dele um escritor regionalista. E, aqui se faz importante refletir sobre o que seja o regionalismo. Sobre essa questão, o escritor Machado de Assis assim escreveu:

Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região. Mas não estabelecamos doutrinas tão absolutas que a empobrecam. O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço (MACHADO DE ASSIS).

A orientação literária de Machado de Assis serviu de balizamento para a compreensão do que venha a ser a dose certa para o escritor deter-se sobre a sua região ou sobre determinada região. Ainda nessa linha de exaltação da presença de aspectos regionais na literatura, Guilhermino César afirma o seguinte:

[...] Só pode enriquecer uma literatura essa busca apaixonada do que é típico na sociedade, quando nada, para que a expressão estética represente forças de vida convergentes, construa a autenticidade de dentro para fora, ou seja, buscando o geral e o universal, no homem e suas paixões. Em outras palavras, o regional é o primeiro estágio de toda literatura. Sob pena de cair no despauamento, no incharacterístico, no formal, nenhuma literatura pode negar as matrizes de que procede o homem que ela traduz e representa (CÉSAR, 1969, p.241).

Em contato com a obra de Hélio Serejo, constata-se que o mesmo procurou retratar em suas obras aquilo que era típico de sua região de fronteira, resultado de vivências e observações prolongadas, conforme podemos confirmar com trecho de sua obra “Paisagem Sertaneja”: “...vimos, de longa data, pacientemente num esforço, até gigantesco, registrando a paisagística do sertão, levantando hábitos, costumes, modismos, fatos verídicos, lendas, mitos, abusões e credices, de uma região que sofre, em curto espaço de tempo uma transformação”(SEREJO, 1988, p.18-19). Bem se vê que Hélio

Serejo constrói sua literatura com a matéria prima de sua região. Já que em seus livros encontramos registros de lendas, de usos e costumes, da fauna e da flora, cenas caboclas, do folclore regionalista e fronteiriço, sobretudo da região sul de Mato Grosso do Sul, antigamente, Mato Grosso, e em particular, de Ponta Porã.

É possível correlacionar algumas semelhanças entre conteúdo e forma utilizados na produção de Alfredo D'ascragno Taunay, ou melhor, pelo Visconde de Taunay, em "Inocência" (1872), com os escritos de Hélio Serejo. Os regionalismos presentes na obra de Taunay foram resultado da observação pessoal, da real experiência do autor, que documentava o linguajar do sertão, por ocasião da Guerra do Paraguai, na região que tomou como cenário do romance – a região sul de Mato Grosso, fronteira com São Paulo, Minas Gerais e Goiás. Tanto em uma quanto em outra, é possível perceber que uma boa parte das palavras e expressões utilizadas é objeto de notas explicativas de rodapé e outras grifadas no corpo do texto. Outro ponto que se destaca nos dois escritores é a referência que ambos fazem a um constructo histórico da região, ambos se utilizam da literatura para empreenderem um fortalecimento da região de fronteira, contribuindo assim nas impressões da história da formação do Estado.

Nessa linha historiográfica temos também vários romances que retrataram a guerra do Paraguai e a região de fronteira, entre eles estão: "A Retirada da Laguna" do Visconde de Taunay, "Questão de Honra" de Domingos Pellegrini, "Avante Soldados: para trás!", de Deonísio Silva e o romance "Cunhataí: um romance da guerra do Paraguai" (2003). Aliás, é importante frisar que essas obras foram objeto de outro projeto de pesquisa já concluído e que possuem espaço privilegiado quando nos referimos aos estudos sobre a fronteira, propiciando-nos aos estudiosos dos estudos literários uma ou várias abordagens das diversas práticas discursivas e de interconexões culturais, de transculturalidade, de transculturação narrativa e zona de contato, com vistas a propor um diálogo riquíssimo entre as mesmas.

A literatura aqui é enfocada como forma de conhecimento do homem e do mundo e também como linguagem artística, além de ser uma proposta de (de) marcação dos aspectos identitários de uma cultura sul-mato-grossense. Com isso aproprio-me das palavras de Edgar Morin (1997):

A literatura teria essa superioridade sobre a história e a sociologia; ela considera os indivíduos como inseridos num meio, numa sociedade, numa história pessoal [...] ela trata os seres enquanto sujeitos, com suas paixões, seus sentimentos, seus amores, todas as coisas que, falando do singular, do concreto, das individualidades, são mais facilmente apagadas pela sociologia. Aí reside sua superioridade: em Proust, em Balzac,

Dostoiévski e em tantos outros vocês têm a realidade humana na sua plenitude (MORIN, 1997).

Aristóteles em sua *Poética*, já reconhecia que o ofício do poeta consiste em representar o que pode acontecer ao passo que o do historiador é narrar o que efetivamente acontece. Sabe-se que a literatura é antes de tudo um fenômeno estético, mas é também uma manifestação cultural. Daí o fato de ser uma possibilidade de registro da trajetória do escritor e também de sua historicidade, seus anseios e suas visões de mundo. Embora nós saibamos que a literatura não tem compromisso com o real, isto é, com a verdade dos fatos, ela constrói um mundo singular e que o leitor a partir daí encontra alternativas para a constituição da realidade que motiva a arte literária e com isso se abre novas possibilidades de interpretação do real.

As áreas de Literatura e História, mais do que nunca, nos propiciam um diálogo produtivo. Principalmente, porque tanto uma quanto a outra se valem da linguagem, ambas são constituídas de material discursivo. As análises empreendidas sobre os romances citados acima que retratam a Guerra do Paraguai tiveram por base a teoria do romance histórico criada pelo escritor inglês Walter Scott e depois se ampliando com os estudos de Seymour Menton, Angel Rama e outros. Partimos do princípio de que qualquer história (story) apenas ganha o status de existência enquanto narração. Sendo assim, constata-se que tanto na teoria literária quanto na história, investigar os entrecruzamentos da literatura e da história é uma tarefa bastante produtiva, pois nos possibilita um diálogo entre as áreas do conhecimento.

Essas narrativas voltam-se para uma visada nos acontecimentos históricos da Guerra do Paraguai, procurando resgatar o fato histórico não somente para concordar com a tradição, mas, também, para questionar os fatos veiculados. A Guerra do Paraguai é um episódio importante, ocorrido na região de fronteira do estado de Mato Grosso do Sul com o Paraguai e acredita-se, ainda, pouco estudado. O romance “Cunhataí: um romance da Guerra do Paraguai” (2003), da escritora Maria Filomena Lepecki deixa explícito as fronteiras entre literatura e história. Na concepção de Linda Hutcheon (1991), estas novas normas do fazer literário divulgadas, principalmente, a partir da década de setenta, estão ligadas diretamente à estética da pós-modernidade. Com isso, o estudo das obras relacionadas acima propicia-nos o conhecimento de um fato histórico importante para a região de fronteira e também, possibilita-nos o conhecimento da cultura sul-mato-grossense veiculada na obra ficcional. Além de conhecermos mais sobre

a Guerra do Paraguai e a região de fronteira através dos diálogos intertextuais entre literatura e história e detectarmos através da análise literária dos romances, como se dá o discurso ficcional e o discurso histórico, isto é, as relações entre Literatura e História. Como no momento torna-se difícil apresentar as quatro análises efetuadas, faremos uma síntese da análise sobre “Cunhataí”, por ser uma das obras mais recentes, justamente para demonstrar que no âmbito da literatura as possibilidades são várias e nos proporciona até hoje inúmeras descobertas sobre o nosso lugar, isto é, a região de fronteira que por mais que nos debruçemos sobre a mesma sempre aparece algo novo.

7. SOBRE *Cunhataí*

Todo saber é produzido a partir de determinadas condições históricas e ideológicas que constituem o solo do qual esse saber emerge. Toda interpretação é feita a partir de uma dada posição social, de classe, institucional. Com isso deduzimos que os textos não podem ser dissociados de uma certa configuração ideológica, na proporção em que o que é dito depende de quem fala no texto e de sua inscrição social e histórica (...) (REIS, Roberto apud JOBIM, 1992, p.69).

170

Conforme Edgar Morin (1997), “a superioridade da literatura sobre a história e a sociologia” é possível porque “ela considera os indivíduos como inseridos num meio, numa sociedade, numa história pessoal”, e é exatamente isso que encontramos quando iniciamos a leitura de *Cunhataí*. Mas, o que vem a ser *Cunhataí*? O nome *Cunhataí* vem de cunha, palavra guarani cujo significado é mocinha nova, menina-moça, em pleno florescimento, bonita, pronta e aberta para o sentimento do amor, pronta para a vida e foi escolhido justamente por causa da personagem principal, que ao longo da narrativa, das muitas dificuldades vividas por ela, encontrará o amadurecimento e, juntamente com esse, sua própria identidade.

Com um título bastante sugestivo – que une ficção e realidade – “*Cunhataí*” foi apreciada e julgada por outros nomes consideráveis da literatura e da crítica literária brasileira. Entre tais nomes figuram os de: Tânia Franco Carvalhal – referência internacional em Literatura Comparada; Beatriz Resende do *Jornal do Brasil*, Carlos Graelli da Revista *Veja*, o crítico Daniel Piza do estado de São Paulo e Carlos Heitor Cony.

8. CUNHATAÍ: um novo romance histórico?

(...) as recentes leituras críticas da história e da ficção têm se concentrado mais naquilo que as duas formas de escrita têm em comum do que em suas diferenças. Considera-se que as duas obtêm suas forças a partir de verossimilhança, mais do que a partir de qualquer verdade objetiva; as duas são identificadas como construtos linguísticos, altamente convencionalizadas em suas formas narrativas, e nada transparentes em termos de linguagem ou de estrutura, e parecem ser igualmente intertextuais, desenvolvendo os textos do passado com sua própria textualidade complexa. Mas esses também são os ensinamentos implícitos da metaficção historiográfica. Assim como essas recentes teorias sobre a história e a ficção, esse tipo de romance nos pede que lembremos que a própria ficção são termos históricos e suas definições e suas inter-relações são determinadas historicamente e variam ao longo do tempo (HUTCHEON, 1991, p.141).

Surgindo no início do século XIX, o romance histórico caracteriza-se pela reconstrução dos costumes e fala do passado, misturando, no processo ficcional do enredo, personagens históricos e de ficção, revelando um caráter de desconstrução irônica da história oficial, pautada pelo diálogo com as produções culturais anteriores, procurando respeitar a cronologia dos fatos históricos, mas, ao mesmo tempo, imprimindo-lhe a inferência ficcional do autor sobre os fatos apropriados.

Desse modo, o que é considerado romance não pertence ao mundo daquilo que é conceituado como “verdade”, mas sim ao reino da pura imaginação, conhecido como ficção, mesmo que em sua criação o escritor utilize a história como pano de fundo para a construção de um enredo. Isso, porque o romance histórico recupera os signos emitidos pelo fato histórico, revelando o espaço da existência humana e da procura do homem em firmar sua identidade nacional. O mesmo não leva em conta o tempo cronológico da história, rompendo a identificação da temporalidade ficcional com a temporalidade histórica e ao mesmo tempo revelando um caráter de desconstrução irônica da história oficial utilizada, o discurso da história, enquanto científico, busca apenas uma univocidade.

Esse processo dialógico com as produções culturais anteriores é conceituado por Bakhtin como dialogismo, possibilitando a utilização dos recursos como a polifonia, a intertextualidade, a heteroglossia, constituída pela multiplicidade de cada categoria, no processo constitutivo de toda e qualquer linguagem e condição

para a inteligibilidade dos discursos aonde não há apenas uma voz condutora no texto, mas um entrecruzar de vozes que permite, no caso do Novo Romance Histórico, a costura de gêneros em que tanto o verso como a prosa, a epístola e a citação; a heteroglossia e a multiplicidade de narradores, essa variedade de recursos estilísticos estejam presentes no processo construtivo da narrativa moderna. Desse modo, pode-se dizer que *Cunhataí* é uma narrativa moderna, pois todos esses recursos estão presentes em seu interior e, automaticamente, pode-se caracterizá-la como sendo um novo romance histórico. Maria Filomena B. Lepecki ao tratar da Guerra do Paraguai ou da Tríplice Aliança, como queiram, dialoga com a produção histórica e cultural anterior, fazendo com que as personagens históricas sejam encaixadas na história de vida das personagens fictícias, com as quais mantém diálogo e convivência, compartilhando momentos que as unem por laços de amizade, o que, de certo modo, constitui-se uma dessacralização da história contada e tomada como intertexto.

Para Menton (1993), a ficção latino-americana surgiu como um subgênero de romance histórico, ficando conhecido como *Novo Romance Histórico Latino-americano*, segundo ele o Novo Romance caracteriza-se pela releitura crítica do passado, pela intertextualidade paródica ou dessacralizadora, revelando vozes silenciadas por contingências de gênero ou classe, entre outras. Alguns teóricos, entre eles a Prof.^a Dr.^a Shirley de Souza Gomes Carreira, da UNIGRANRIO, apresenta diferenças entre os conceitos a *metaficção historiográfica*, a *narrativa histórica* e o *romance histórico*. Quais seriam essas diferenças? A narrativa histórica, segundo as vertentes modernas da historiografia, contém os registros dos acontecimentos empíricos que, somados à inferência do historiador quanto aos dados não registrados, constituem o fato histórico. O romance histórico, por sua vez, procura respeitar a cronologia e o teor dos fatos históricos, imprimindo-lhes a inferência ficcional do autor sobre esses fatos. Enquanto a metaficção historiográfica constitui-se numa releitura do passado sob a ótica contemporânea, uma leitura crítica do passado à luz do conhecimento presente. Sem diferenciar, aqui, o termo Novo romance histórico do termo metaficção historiográfica, e partindo dos conceitos acima citados como sendo sinônimos um do outro, e mesmo porque ainda não se tem limites claros que os definam especificamente, acredita-se que “Cunhataí” não deixa de ser uma metaficção historiográfica, ou seja, uma releitura de uma temática pertencente a um tempo, de fato, histórico, já que a história ganha vida, através do resgate dos sentimentos e dos conflitos vividos por um povo que sofreu os horrores causados pela guerra e que no

romance “Cunhataí” não deixam de ser representados em suas ações tanto por personagens fictícios quanto por personagens históricos como o próprio Visconde de Taunay, o Conde D’Eu, o guia Francisco Lopes, o ditador Marechal Francisco López e outros.

“Cunhataí” tem um fato histórico como referente e apresenta alguns personagens históricos que presenciaram esse traumático episódio, no qual tanto a história quanto a ficção convivem num mesmo espaço a fim de resgatar um momento passado. Com a presença de personagens históricas há a possibilidade de promover a verossimilhança e veracidade, valorizando o fazer ficcional ao mesmo tempo em que proporciona ao leitor um grande desafio. Isto é, a leitura do presente dentro de uma releitura crítica do passado histórico reconstituído através da ficção, pois ao utilizar-se da ficção para preencher as lacunas da história oficial, sem deixar de constituir-se numa releitura do passado sob a ótica contemporânea, não deixa de ser também uma releitura crítica do passado à luz do conhecimento do presente. Já que ninguém toma como mote a história da guerra do Paraguai e a reescreve, sem ter ao menos, minimamente, o conhecimento de cartas, narrativas, de diários e comentários desse episódio, que agora vem novamente à tona com a apropriação que a autora faz do fato histórico, mesmo que seu sentido seja subvertido, e que haja a mistura da ficção com os fatos históricos, criando e recriando apenas mais uma leitura alternativa desse passado, dentre tantas outras que poderão existir.

É possível constatar em “Cunhataí”, que a referência histórica utilizada pela escritora não tem a finalidade apenas de conferir veracidade ou verossimilhança, mas sim de enfatizar o lado ficcional do texto, isto é, a própria ficcionalidade do texto já presente no título que apresenta – como em toda a história do enredo – dois lados, assim como ocorre em um espaço de fronteira, com a identidade do personagem Ângelo, com a identidade da própria personagem protagonista, Micaela; pois ao mesmo tempo em que o título se refere ao episódio da Guerra, também já mostra que se trata de um romance – “Cunhataí: um romance da guerra do Paraguai”. O livro, portanto não foge do contexto da guerra, mas também não se deixa furtar em seu caráter ficcional, já explícito desde o início de que se trata de um romance. “Cunhataí” é composto por 406 páginas, constituído por 54 capítulos – aparentemente curtos, e que por sua vez são divididos em três partes. A 1ª parte – subdividida em 17 capítulos intitula-se O caminho; a 2ª parte – também com 17 capítulos – intitula-se O Território; a 3ª parte, com 20 capítulos, intitula-se A guerra. “Cunhataí” traz a história de Micaela, uma sinhazinha muito

aventureira e sonhadora, pertencente à aristocracia da cidade de Campinas, que se apaixona por um espião paraguaio infiltrado nas tropas brasileiras. Por causa desse amor resolve abandonar a aristocracia e infiltrar-se, também, nas tropas que saíram do RJ para libertar Mato Grosso – região que estava tomada pelos paraguaios – percorrendo um percurso que pelas dificuldades, demorou quase dois anos e meio para ser concluído, e que culminou no episódio da Retirada da Laguna.

Ao seguir com a tropa, a personagem principal rompe com a tradição de ter sido destinada apenas como simples prenda doméstica e desafia as convenções partindo em busca de aventuras e passando por muitas dificuldades e privações, o que a faz querer voltar para casa, mas devido a uma série de fatores que aparecem é impedida de realizar o retorno. Período cheio de dificuldades que foram enfrentadas com bravura e isso a leva a fazer o percurso de retorno a si própria, isto é, de seu próprio eu. Assim através da dura realidade, conquista o conhecimento e resgata sua própria identidade. Que pelo sim, pelo não, pode-se dizer que está relacionada e foi retirada de uma canção popular paraguaia conhecida por todos: *Recuerdos de Ipacarai*, de Ortiz e Merkin que diz o seguinte: “*Donde estás ahora, cunhataí que tu suave canto no llega a mi, Donde estás ahora Mi ser te adora com frenesi*”, música essa, tema do encontro amoroso entre Rosália – viúva, personagem coadjuvante a quem é contada toda a história que envolve Micaela e o contexto da Guerra do Paraguai, fato ocorrido em suas terras, propriedade deixada pelo falecido marido. Micaela demonstra não gostar do nome que lhe deram e vivia questionando a mãe sobre o porquê de lhe terem dado aquele nome, ao que a mãe, Dona Glorinha, respondia que era um nome lindo, derivado de São Miguel, um dos anjos protetores e que era o mesmo nome de Sua Majestade, era nome de princesa.

A primeira parte intitulada *O Caminho* destina-se a retratar exatamente o que é possível deduzir do significado desse termo: faixa de terreno destinada ao trânsito de um para outro; estrada, vereda, via, trilho, direção, rumo, destino, entre outros. No início há a presença de heteroglossia, pois o romance inicia-se com o registro linguístico de um artigo jornalístico, apresenta cartas, versos, além da prosa, mostrando marcas da modernidade que interfere de modo positivo no desenvolvimento do enredo, com uma linguagem culta. Podemos aliar esse procedimento ao mesmo procedimento utilizado por Dostoiévski em sua obra “Crime e Castigo” e ao utilizado por Lima Barreto em sua obra de estreia

“Recordações do escrivão Isaías Caminha”. Ambos se utilizam de fatos reenviados por outro para dar credibilidade e respaldo ao que se diz na narrativa.

Na narrativa estão presentes, também diversas passagens, a transcrição de palavras, trechos, até mesmo diálogos em espanhol, em francês, em italiano, e ocorre também a presença de citações entre aspas o que nos indica um discurso que foi retirado de fontes históricas, que podem ser indicações verdadeiras ou falsas. No caso de “Cunhataí”, essas citações são verdadeiras. Alguns foram retirados dos livros: “A Retirada da Laguna” e “Memórias” (1946) de Alfredo d’Escagnolle de Taunay Solano Lopez, de Arturo Bray (1945). O artigo jornalístico trata do episódio conhecido sobre a batalha do *Nhandepá* escrito por Coralina S. C. Fernandes, colaboradora especial da *Gazeta Pantaneira*, que vai fluindo suavemente, atraindo o leitor com suas ações verbais no passado e preparando-o para o que virá a ser o romance. Com esse procedimento, torna-se visível o processo intertextual que percorrerá toda a narrativa.

O segundo personagem selecionado é Ângelo, ou melhor, Tenente de Engenharia Ângelo Zavírria de Alencar, filho de pai brasileiro de pura linhagem lusitana e de mãe paraguaia, descendente de espanhóis. Era também fluente nesses dois idiomas e familiarizado com ambas as culturas, tinha o disfarce perfeito para ser um espião paraguaio em terras brasileiras, já que falava bem o idioma, domiciliado na Corte de D. Pedro II, possuía documentos brasileiros autênticos e frequentara a Escola Militar do RJ por dois anos sob o comando do General Polydoro da Fonseca. Era considerado um membro da família paraguaia do Marechal Francisco Solano López e tornou-se espião, não porque desejasse ou porque tivesse vocação, mas porque não havia nenhum outro. Um espião paraguaio infiltrado às tropas brasileiras, que passava informações sobre a guerra, sobre os equipamentos que o Brasil possuía, enfim, informações sigilosas eram repassadas ao inimigo.

Diante dessa situação o espião tinha pesadelos e sonhos aflitivos que o fazia falar e gritar em guarani enquanto dormia.

Seu país era bilíngue. Os costumes dos primeiros habitantes da terra se misturaram de tal forma com o dos colonizadores espanhóis que o idioma indígena (...) permanecera vivo como uma segunda identidade (...) cantigas indígenas embalam o berço do tenente Ângelo Zavírria. Murmuradas pelas amas, assobiadas pelos empregados e cantadas nas rodas de violão e mate quente nas noites enluaradas do Paraguai. A língua que ouvira na mais tenra infância, através do qual estabelecera as primeiras sílabas, fixara-se como a língua *mater* no seu coração. Ângelo, *habituê* das noites parisienses,

gostava de xingar e seduzir em francês. Sonhar, só em guarani. E isto poderia ser a sua perdição (...) (LEPECKI, 2003, p.29).

Por medo de ser descoberto, sofria constante pressão e isso explicava o motivo de tantos pesadelos, já que seu objetivo consistia em ouvir sem ser percebido, olhar sem ser visto, interceptar mensagens e observar manobras mantendo um ar desinteressado, colher informações necessárias e enviá-las à sua pátria. Para isso, fez um acordo, sempre que fosse se comunicar enquanto espião amarrava um lenço vermelho no pescoço como forma de ser reconhecido pelos paraguaios em meio à tropa brasileira. Juntamente com esse episódio, é possível perceber toda uma cultura presente nessa região de fronteira, a de se tratarem por meio da farmacopeia nativa: chá de capim-limão, erva-doce, erva-cidreira e tantos outros. Demonstrando também além de um hábito característico da região devido à falta de recursos e extrema distância dos grandes centros, uma relação intertextual com as duas obras do Visconde Taunay: “A retirada da laguna” e “Inocência”. Sendo assim, Ângelo vivia entre a fronteira de sua própria identidade, meio brasileira, meio paraguaia, em um momento juntava-se aos padres brasileiros, mas rezava pelo Paraguai. Demonstrando um conflito existencial e fronteiriço, não só de território, como também de identidade. Um verdadeiro conflito entre o amor à mulher e à pátria.

Enfim, esse será o grande amor de Micaela, com o qual se casará, mas ele não consuma o ato matrimonial, visto que estava imbuído de arrependimentos por ter utilizado a moça como uma arma de guerra para conseguir os seus objetivos de espião. Apesar de ser um espião e se tornar um marido falso, ele cai na armadilha do amor e em função disso ainda optou por ter escrúpulos. Com esse acontecimento, mais uma vez Micaela demonstra estar em crise consigo mesma, pois sente inveja de Ângelo por ser homem, e sai de madrugada pela janela da pensão, apropria-se do primeiro cavalo e ruma para Taquaral, na casa da madrinha. Nesse momento, começa toda a transformação na vida de Micaela, pois ela resolve ir atrás do amor de sua vida. Tal qual o ocorrido com a personagem Diadorim de Guimarães Rosa. Uma mulher vestida de homem, montada em um animal, no meio de homens, vestindo roupas de tropeiro. Para obter uma justificativa, para essa nova empreitada, além da amorosa, Micaela resolve colocar em prática os conhecimentos adquiridos através de sua madrinha. Passa a pesquisar as plantas medicinais, suas bases científicas e nomenclaturas em latim. Com isso, ocorre um encontro com o Visconde de Taunay nos campos do sul de Goiás, e o coloca a par de sua procura por ervas medicinais, descobrindo

afinidades em comum. Micaela é conceituada por Taunay como sendo a ilustre curandeira da coluna, a quem confia seus desenhos.

Na segunda parte, *O território*, é relatado toda a trajetória e os vestígios da invasão paraguaia, a paisagem devastada, do número de homens e mulheres, crianças e agregados; dos aguaceiros, das trovoadas, das condições climáticas que não ajudavam. As autoridades do Rio de Janeiro que cobravam um bom desempenho das tropas brasileiras o que irritava o Coronel Galvão que dizia: “General de verdade sou eu, que estou aqui! Não sou General de papel” (p.174). Essa era uma crítica aos Generais que ficavam na capital da República sem de fato enfrentarem a guerra, e mais ainda é demonstrado um processo de metalinguagem literária, pois o personagem questiona se a sua existência é real ou inventada, isto é, fictícia.

Na terceira e última parte, *A guerra*, retoma as memórias da narradora Coralina com a narrativa, e relata a morte de Ângelo, o herói e guerreiro que de repente, virou traidor, um espião. Demonstrando toda a dor de Micaela ao perder seu homem, seu amor. “Duplamente viúva: de um traidor brasileiro e de um herói paraguaio” (p.335). Aqui a forma como o discurso narrativo foi produzido em “Cunhataí” retoma também, de forma implícita, o processo discursivo de *As mil e uma noite*, em que ocorre a interrupção dos tempos da história e do discurso em relação à narrativa principal e, ao mesmo tempo, insere-se nela outra narrativa encaixada, que se torna suplementar à primeira, pois é, justamente, isso que ocorre quando Coralina começa a contar a história para Rosália e, no meio dessa, a interrupção acontece, situando-as em tempo e espaço diferentes da história outrora interrompida.

Não nos podendo estender sobre obra tão preciosa que retrata a nossa região de fronteira, revelando-nos aspectos geográficos, históricos e culturais, encaminhamo-nos para a conclusão, que não chega a ser uma conclusão, mas sim um início de muitas leituras e interpretações sobre um fato histórico de nossa região, e que se pretende despertar e direcionar os professores para um contato maior com a literatura do MS. Ressaltamos ainda que “Cunhataí” cumpre esse papel de despertar. Já que como em quase todos os finais de história dos romances modernos, em “Cunhataí”, o leitor se frustra ao se deparar com as últimas orações que finalizam o romance, já que ocorre uma quebra de perspectiva do mesmo que, aguardando um determinado tipo de final, depara-se com outro que ainda lhe

deixa dúvidas e lhe frustra. Pois, Coralina ao ser questionada sobre as minúcias contadas, dá a seguinte resposta: “o que a gente não sabe, a gente inventa”.

Com isso, confluímos para o ditado popular que diz: “quem conta um conto aumenta um ponto”, o que explicita a questão de que dentro de uma história, tantas outras estórias se fazem. Assim como foi possível utilizar-se da história da Guerra do Paraguai e dentro dela situar a história de Micaela com toda sua aventura, renúncia, busca, perda e reencontro: uma história dentro de outra história, uma vida dentro de outra vida, uma viagem, seu ponto de partida, seu percurso e seu destino, tudo ao mesmo tempo e ao mesmo tempo tudo em tempos distintos, dentro do círculo da própria vida que gira em torno de cada história, seja verídica, ou seja, fictícia. Por isso retomo para encerrar a afirmação de Edgar Morin (1997), na literatura, “vocês têm a realidade humana na sua plenitude” e o leitor de “Cunhataí”, bem como, de todos os escritores aqui reverenciados que fazem parte da literatura sul-mato-grossense, perceberá a riqueza que esse espaço de fronteira nos revela.

Referências Bibliográficas

178

ACHUGAR, Hugo. “Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura”. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

CARVALHAL, Tania Franco. “O próprio e o alheio. - Ensaio de literatura comparada”. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003. 254p. Capítulo 8: O próprio e o alheio no percurso literário brasileiro, p.125 - 152.

DALSCASTAGNÈ, Regina. “Vozes nas sombras: representação e legitimidade na narrativa contemporânea”. In: _____.(org.) Ver e imaginar o outro - Alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea. São Paulo: Editora Horizonte, 2008. p.78-107.

ECO, U. “Sobre a literatura”. Rio de Janeiro: Record, 2003.

LAJOLO, M. “Literatura: leitores & leitura”. São Paulo: Moderna, 2001.

LINS, José Pereira. “Lobivar Matos - o poeta desconhecido”. Dourados: Ed. Colégio Oswaldo Cruz, 1994, 68p.

MIGNOLO, Walter. “Histórias Locais/Projetos globais - Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar”. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

PROENÇA, Augusto César. “Pantanal: gente, tradição e história”. 3ª. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 1977.

RAMA, Ángel. “Literatura e Cultura na América Latina”. (Flávio Aguiar & Sandra Guardini T. Vasconcelos, organizadores) São Paulo: Editora Edusp, 2001.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. “Um outdoor invisível: imagens do pantanal sul-mato-grossense”. In: Carvalhal, T. F. (Org.). Culturas, Contextos e Discursos – Limiares críticos no comparativismo. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

_____. “Fronteiras do local: roteiro para uma leitura crítica do regional sul-mato-grossense”. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2008.

SUSSEKIND, Flora. “Literatura e vida literária”. 2 ed. revista. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

SENA, Custódia Selma. “Interpretações dualistas do Brasil”. Goiânia: Editora UFG, 2003.

SOUZA, Eneida Maria de. “Tempo de pós-crítica”. São Paulo: Linear B; Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007. (Coleção Obras em Dobras).

TORCHI-CHACAROSQUI & BESSA-OLIVEIRA, M. A (Orgs.) “Misturas e diversidades: reflexões diversas sobre arte e cultura contemporâneas”. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012. 176p.

